

SENSIBILIZAÇÃO CULTURAL: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Margarida Rosa Álvares¹¹⁷

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar parte da nossa pesquisa de doutorado em desenvolvimento em uma universidade pública do estado de Goiás e pretende observar e investigar o comportamento de um grupo de participantes, ao serem expostos a elementos socioculturais de língua estrangeira, por meio de uma intervenção pedagógica através vídeos que tragam amostras de interação em vários contextos. A partir de um estudo de caso temos a intenção de colocar em prática uma proposta de sensibilização cultural que passe pelo viés da Análise da Conversação. Neste artigo trataremos uma explanação teórica que norteia nossa pesquisa e a proposta de intervenção em sala de aula.

Palavras-chave: sensibilização; cultura; elemento sociocultural.

Introdução

Como professora de língua espanhola, o trabalho com as questões culturais sempre representou uma preocupação, quanto à sua abordagem no contexto de ensino. Num primeiro momento, devido à escassez de materiais que abordassem elementos socioculturais, e, num segundo momento, devido à forma como tais elementos são abordados, muitas vezes, de maneira estereotipada ou como mera curiosidade. A esse respeito, Celce-Murcia (2007, p.46) afirma que “na verdade, um erro social ou cultural pode ser muito mais grave do que um erro linguístico, quando se está envolvido numa comunicação oral”¹¹⁸ e, levando em consideração essa afirmação, acreditamos que é preciso desenvolver mais pesquisas sobre como abordar conteúdos culturais em sala de aula e identificar o lugar da cultura no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Cabe ressaltar que o reconhecimento do papel da cultura na aquisição de línguas tem sido corroborado por diferentes autores e pode ser constatado na evolução do conceito de competência comunicativa ao longo dos anos.

Os materiais didáticos de língua espanhola à disposição no mercado editorial brasileiro em sua maioria privilegiavam, quase exclusivamente, a estrutura da língua e viam a cultura como um tópico a ser trabalhado à parte, normalmente como curiosidade. Tanto as Orientações

¹¹⁷ Universidade Federal de Goiás. Mestre em Letras e Linguística. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG. margaridaalvares@yahoo.com.br

¹¹⁸ “...a social or cultural blunder can be far more serious than a linguistic error when one is engaged in oral communication”

Curriculares para o Ensino Médio – Conhecimentos de Espanhol (2006) como a abordagem comunicativa de ensino de línguas (SANTA-CECÍLIA, 1996; CANALE, 1995; LLOBERA, 1995) propõem que língua e cultura não devem ser ensinadas separadamente, já que o estudo das estruturas linguísticas por si mesmas explicita as variedades sociolinguísticas e socioculturais. Língua e cultura, caminhando em conjunto, podem propiciar o tão esperado diálogo intercultural. Morin (2004) coloca que o verdadeiro diálogo consiste na compreensão do Outro e compreender significa conhecer na integralidade, ou seja, conhecer seus valores, crenças, desejos, atitudes, rituais. Essa globalidade de conhecimento acerca do Outro pressupõe o estudo das culturas, já que, se somente as estruturas das línguas por elas mesmas são estudadas, pode ocorrer que elas não sejam suficientes para uma aproximação e permitir o diálogo necessário.

Em vista do exposto, e devido à carência de mais estudos sobre abordagem de aspectos culturais nos contextos de ensino de espanhol no Brasil, é que propomos uma pesquisa de doutorado que visa analisar uma intervenção pedagógica sobre elementos socioculturais, a partir de vídeos, em que o aluno passe por um processo de sensibilização cultural pelo viés da Análise da Conversação. Nossa proposta se baseia em Celce-Murcia (2007) que salienta a importância de se explicitar o comportamento dos interlocutores durante a interação oral, através de vídeos, enfocando elementos extralinguísticos, tais como: ritmo, movimentos, expressões faciais e corporais etc.

Análise da Conversação

A conversa é um intercâmbio cultural por excelência. Para efetivar essa troca é necessário que sejam ativados conhecimentos linguísticos e extralinguísticos e é nesse cenário que vemos ativado o conhecimento cultural. Para estudar esse fenômeno que faz parte da realidade de cada um nos valemos dos estudos da Análise da Conversação (doravante AC), uma abordagem discursiva que permite observar o funcionamento linguístico de modo a favorecer a conversação (DIONÍSIO, 2001).

A AC nasceu nos anos 70 e atualmente tem sido chamada de Análise da fala-em-interação (SILVA, 2009). De acordo com Silva (2009), Sacks foi o primeiro a ver possibilidades de análise num evento tão comum como à conversa, e que posteriormente Schegloff e Jefferson (1974) retomaram seus ensinamentos e começaram a teorizar sobre a AC observando que a conversa obedece regras. Algumas observações a que chegaram os primeiros estudos é que normalmente a troca entre os interlocutores se repete, com cada um expressando-se a um momento e que as falas sobrepostas, apesar de serem comuns, são mais breves que as falas onde a troca está bem marcada.

Silva (2009) acrescenta que, conforme a AC, a fala tende a ser formada por pares adjacentes, ou seja, aquilo que uma pessoa fala antecipa e limita o que será dito pela outra pessoa, por exemplo, em uma situação de convite o par adjacente desse convite será uma recusa ou um aceite. É interessante observar que, ainda constituindo-se, normalmente, de forma pareada, as possibilidades de resposta antecipadas pela primeira pessoa podem dar-se de maneiras distintas e aqui entra o fator cultural, já que o fato de estar inserido em determinada cultura vai influenciar no modo em que essa resposta pode ser dada. Assim, como a formação do par adjacente é determinada culturalmente, a questão da tomada de turnos também pode ser.

A tomada de turnos é essencial em uma conversa, pois contribui para sua organização e é caracterizada por ser “gerenciada localmente, administrada pelas partes, controlada internacionalmente e sensível a ajuste ao interlocutor.” (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974). Outra consideração relevante acerca da tomada de turnos é que ela pode variar com relação à sua extensão e à sua ordem.

Sarmiento (2004, p.8) citando Tannen (1984) coloca que “os aspectos na comunicação são determinados culturalmente: quando falar ou quando não falar, o que falar, o que é considerado adequado, que tipo de perguntas podem ser feitas; mecanismos de controle da conversação, de pausa e ritmo...”. Nesse sentido, esta proposta de pesquisa enfocando aspectos culturais da conversação encontra respaldo. Além disso, seu fundamento em Celce-Murcia (2007), que amplia a noção de competência comunicativa, inserindo a competência interacional, a qual abrange as competências acional e conversacional, permite tanto o trabalho de intervenção pedagógica como de coleta e análise de dados conforme os pressupostos da AC.

Proposta de Celce-Murcia: o trabalho com vídeos

Celce-Murcia (2007) apresenta uma proposta de aplicação de vídeos em sala de aula. No artigo, a autora propõe uma releitura da competência comunicativa no ensino de línguas, a partir de um panorama histórico da competência, começando por Hymes (1995) e passando pelas contribuições de Canale (1995) e chegando às contribuições de Celce-Murcia (2007) que acrescenta mais uma competência as já elencadas: a interacional. A competência interacional envolve tanto a competência acional (que consiste na capacidade de compreender e produzir os atos de fala de maneira significativa) como conversacional (que se refere à tomada e manutenção de turnos, às regras conversacionais). A grande contribuição dessa publicação foi ver as competências de maneira inter-relacionadas e trazer mais uma competência para se juntar às demais.

Celce-Murcia (2007) também aborda o tratamento dado aos elementos paralinguísticos em sala de aula, salientando que há pouco espaço para essa discussão, pois raramente é um assunto abordado e apresenta, no final de seu texto, uma proposta didática, que objetivamos colocar em prática, para sensibilizar culturalmente os alunos através de amostras de vídeos selecionados que permitam a observação e interpretação de elementos extralinguísticos. Os exemplos dados se referem à mudança de turnos conversacionais, gestos, contato visual e corporal, distância entre interlocutores, ritmo, entonação, formas de cumprimentar e despedir etc. Esses exemplos citados serão, em nossa pesquisa, observados na proposta didática com o respaldo da teoria de Análise da Conversa. Ao final a autora sugere que estratégias de instrução sejam encontradas e postas em prática na sala de aula pelos professores, considerando, sempre, o contexto.

Na próxima seção passaremos a discutir o conceito de cultura e o seu papel no ensino comunicativo de línguas.

Cultura: a construção de um conceito

Ao longo da história, o conceito de cultura tem gerado divergências por se tratar de um tema amplamente discutido e de caráter complexo. Conceituar cultura não constitui tarefa fácil e vários teóricos buscam alcançar uma definição satisfatória de um termo que já possui vida própria. Castro e Dravet (2004), com relação à cultura e à comunicação, concordam que: “talvez, ao invés de conceituá-las, melhor seria aceitar nossa incapacidade de dar conta da totalidade dos conceitos que as envolvem” (CASTRO e DRAVET, 2004, p. 13). Considerando a dificuldade em alcançar um único conceito e chegar a um consenso teórico, tentaremos traçar alguns dos mais relevantes na área de estudos culturais, mas não pretendemos expor um debate histórico e antropológico, mas, sim, apresentar definições que nos pareçam relevantes ao contexto de ensino e aprendizagem de idiomas.

Geertz (1989) lidera a lista dos mais importantes teóricos culturais por defender uma conceituação semiótica para cultura. O conceito semiótico de cultura abrange a visão de totalidade de símbolos que trazem consigo um acúmulo de significações. A defesa de Geertz (1989) centra-se na interação entre indivíduos e destes com a comunidade, resultando na “teia” de significados que pode revelar particularidades do ser humano em sua dimensão cultural.

Santos (2003) observa que a cultura tem sido uma preocupação da contemporaneidade e as mudanças ocorridas em âmbitos internos ou externos de uma sociedade, devido aos contatos existentes, faz com que a cultura esteja relacionada à humanidade como um todo, já que, para esse autor, a cultura “é resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações

com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes” (SANTOS, 2003, p. 12). Santos (2003) coloca, ainda, que o fato de a cultura ser dinâmica constitui uma das grandes vantagens em estudá-la, pois contribui para a compreensão dos processos transformacionais a que estão submetidas as sociedades.

López (2005) define cultura sob três tipos. A seguir, com as palavras de López (2005, p. 516), listamos os componentes que fazem parte de cada tipo de cultura.

Cultura com *c* ou cultura essencial:

(...) crenças e pressuposições, modos pré-estabelecidos de atuação, juízos, saberes compartilhados pela sociedade, regras a respeito do que se pode ou não ser dito, a maneira de como as coisas são ditas (...) todos os elementos citados estão presentes na vida de todos os falantes.

- Cultura com *C* ou cultura legitimada:

O fator tempo nesse tipo de cultura constitui um elemento importante: o que é legitimado em um momento pode não o ser em outro (...)

- Cultura com *k* ou cultura epidérmica:

(...) se refere a usos e costumes que diferem do padrão cultural, da cultura essencial, que não são compartilhados por todos os falantes e somente serão em casos específicos.

López (2005) ressalta, ainda, que existe um ponto de encontro entre a cultura essencial e a legitimada que não pode ser ignorado. Segundo a autora, alguns elementos de determinada cultura podem ultrapassar a linha que separa cultura legitimada da cultura essencial. Ela afirma que tópicos relacionados à cultura devem ser transmitidos em sala de aula, para que os alunos possam ter uma visão geral e o aprofundamento de temas dependerá do interesse demonstrado por parte dos discentes, a partir de suas necessidades.

Vilaseca (2000, p. 11), em sua definição, é mais abrangente expondo que “a cultura é o meio de comunicação do homem e não existe nenhum aspecto da vida humana que a cultura não abarque”.

Acerca da indefinição relacionada a uma conceituação cultural consensual, Bhabha (2005) prefere colocar a cultura na “esfera do além”, nos “entre-lugares”, que permitem uma subjetivação maior do termo, podendo gerar, inclusive, uma nova discussão sobre o conceito de sociedade. E, nessa distância espacial, Bhabha (2005) vê a cultura como algo em processo de redefinição.

A evolução do ensino da cultura

Para propor um trabalho que vise a promoção da sensibilização cultural é de suma importância traçar um panorama do ensino da cultura ao longo das décadas. Até os anos de 1960 o foco do ensino de línguas era na gramática. Nesse contexto em que o importante era que o aluno dominasse estruturas gramaticais, não havia espaço para a cultura.

Com a introdução do conceito de competência comunicativa trazido por Hymes (1995) saber as estruturas da língua já não mais era suficiente. Saber utilizar a língua num contexto social passava a ganhar importância e essa nova visão trouxe à baila os estudos da comunicação e da cultura, com a necessidade de negociação de significados. Ao pensar em contexto Hymes (1995) permitiu que as discussões sobre cultura aparecessem com mais relevância no panorama do ensino de línguas.

Canale (1995) foi outro autor que contribuiu para a evolução do papel da cultura no ensino de línguas ao desdobrar a competência comunicativa, proposta por Hymes (1995), em mais quatro subcompetências, a saber: a linguística, a discursiva, a estratégica e a sociolinguística. Dentro das definições dessas subcompetências é possível perceber que o elemento cultural faz-se presente. Na competência linguística ao compreender cultura como elemento indissociável da língua, percebe-se sua presença; na competência discursiva faz-se necessário o conhecimento de elementos culturais que permitam uma coesão e organização textual adequados; na competência estratégica o aprendiz necessita de conhecimentos culturais para sanar dificuldades que possam aparecer durante a comunicação e, por fim, na subcompetência sociolinguística é necessário o conhecimento de variedades linguísticas e regras socioculturais para efetivar a comunicação.

Essa última subcompetência proposta por Canale (1995) foi, anos mais tarde, ampliada com a inclusão da competência sociocultural que pode ser definida, segundo López (2005) como o

conjunto de informações, crenças e saberes, objetos e posições desses objetos, modos de classificação, pressuposições, conhecimentos e atuações (rituais, rotinas, etc.), socialmente pautados que estão presentes em qualquer atuação comunicativa e que farão com que esta seja adequada ou inadequada de maneira proposital. (LÓPEZ, 2005, p.513)

O encontro entre as culturas e, conseqüentemente, os choques culturais advindos desses contatos são realidades que fazem parte do nosso cotidiano. Tanto para facilitar os encontros como para evitar os possíveis choques, a literatura didática propôs o desenvolvimento de uma competência que ultrapassa as já apresentadas: a intercultural. Essa competência encerra nossa explanação sobre o percurso do ensino da cultura no ensino de línguas por apresentar um estágio atual em que o ensino de cultura se encontra ou, pelo menos, deveria se encontrar.

A competência intercultural é definida por Vilaseca (2000) como a competência que supera a competência sociocultural no sentido de colocar o aluno e suas necessidades como centro da aprendizagem ao relacionar-se com outras culturas. Enquanto a competência sociocultural preocupa-se em trabalhar elementos dentro de uma mesma cultura, a competência

intercultural avança no sentido de prever os possíveis contatos e facilitar esse encontro. Como se considera que a competência intercultural vai além da competência sociocultural faz-se necessário esclarecer que uma adveio da outra e que a interculturalidade considera as culturas dos próprios alunos e as da língua estrangeira à qual eles estão expostos.

Innerarity (2004) defende que o desenvolvimento da competência intercultural é uma das tarefas mais importantes da educação no século XXI, considerando-a como a “educação para a diversidade”. (INNERARITY, 2004, p. 70). Essa educação pensada nas diferenças propõe o fomento e o interesse pelo outro e, para isso, Innerarity (2004, p.70) ressalta

não se trata de tolerar a diferença mas, de respeitar inclusive nossos antagonistas porque eles representam formas ou modalidades de ser que não precisamos negar para afirmar nossa própria identidade. Mas ao mesmo tempo, essa valorização da diversidade não nos impede de ter preferências (...)

Assim, a interculturalidade aparece no nosso panorama como ponto atual do ensino de cultura no contexto do ensino de línguas.

Proposta de intervenção pedagógica

A nossa proposta pretende verificar efeitos de intervenção pedagógica com vistas à sensibilização cultural em práticas conversacionais. Assim, buscaremos refletir sobre a abordagem de conteúdos culturais em sala de aula, identificando o seu lugar no processo de ensino-aprendizagem e aplicando os pressupostos teóricos da AC em atividades de intervenção sobre aspectos culturais presentes em vídeos envolvendo interações conversacionais.

As amostras apresentadas serão observadas e interpretadas, com o intuito de promover uma sensibilização, tal como nos propõe Celce-Murcia (2007, p. 53), como segue:

-assistir o fragmento sem áudio para poder observar, descrever e imitar comportamentos não verbais;

-ouvir o fragmento para que se concentre na linguagem: ritmo, entonação, tempo, gramática e vocabulário empregado;

-assistir e ouvir o fragmento várias vezes para que seja possível interpretar os elementos presentes ou para poder executar uma interação que se assemelhe à apresentada em vídeo.

Cabe salientar que o foco da intervenção proposta será na tomada e manutenção de turnos e nos elementos paralinguísticos. Pretende-se fazer o trabalho de análise dos vídeos em conjunto com o grupo e depois propor práticas conversacionais para observar a atuação dos participantes.

Os instrumentos utilizados serão questionários para traçar o perfil dos participantes, entrevistas para obter informações sobre a sensibilização cultural alcançada, análises das interações para a atuação dos participantes e anotações de campo para captar informações que possam contribuir para a análise dos dados.

Pretendemos colocar nosso estudo em prática com alunos da graduação em Letras: Espanhol de uma universidade pública, que serão participantes voluntários de nossa pesquisa.

Considerações finais

A nossa proposta pretende verificar efeitos de intervenção pedagógica com vistas à sensibilização cultural em práticas conversacionais. Assim, buscaremos refletir sobre a abordagem de conteúdos culturais em sala de aula, identificando o seu lugar no processo de ensino-aprendizagem e aplicando os pressupostos teóricos da AC em atividades de intervenção pedagógica sobre aspectos culturais presentes em vídeos envolvendo interações conversacionais.

Como o trabalho encontra-se em desenvolvimento, ainda não é possível apresentar uma amostra da análise, por isso nos detivemos na exposição de uma proposta pedagógica e de uma pequena parte teórica que embasa nossa pesquisa. Nossa hipótese é que, a partir da intervenção por meio de vídeos que mostrem interação entre falantes de língua espanhola, seja possível explicitar melhor alguns aspectos da AC e que isso possa resultar em uma contribuição para o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

CANALE, M. De la competencia comunicativa a la pedagogía comunicativa del lenguaje. In: LLOBERA, M. et al. *Competencia Comunicativa*. Madrid: Edelsa, 1995.

CASAL, I. I. Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos e destrezas. In: *Carabela n. 54 – La interculturalidad en la enseñanza de español como segunda lengua / lengua extranjera*. Madrid: SGEL, 2004, p. 05-28.

CASAL (2000) Diversidad cultural en el aula de E/LE: la interculturalidad como desafío y como provocación. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/ele/intercul.htm>> Acessado em: 17/11/2005.

CASTRO e DRAVET (org). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004.

CELCE-MURCIA, M. Rethinking the role of communicative competence in language teaching. In: Alcón Soler, E.; Safont Jordà, M. P. (Ed.). *Intercultural language use and language learning*. Netherlands: Springer, 2007.

DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIOVANNINI, A. et al. *Profesor en acción 1: el proceso de aprendizaje*. Colección investigación didáctica. Madrid: Edelsa, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HYMES. Acerca de la competencia comunicativa. In: LLOBERA, et al. *Competencia Comunicativa*. Madrid: Edelsa, 1995.

INNERARITY, D. Educar para uma sociedade multicultural. In: CASTRO e DRAVET (org). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004.

LANDA, C. G. Aportaciones de la semiótica. In: LOBATO, S. & GARGALLO, I. S. (org). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2005, p. 105- 126.

LLOBERA, M. et al *Competencia comunicativa: documentos básicos en la enseñanza de lenguas extranjeras*. Madrid: Edelsa, 1995.

LÓPEZ, L. M. La subcompetencia sociocultural. In: LOBATO, S. & GARGALLO, I. S. (org). *Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)*. Madrid: SGEL, 2005, p. 511-532.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o ensino médio*. Linguagem, códigos e suas tecnologias. Cap. 4 Conhecimentos de Espanhol. Brasília, 2006. Vol. 1, p. 125-164.

MORIN, E. O diálogo supõe a igualdade. In: CASTRO e DRAVET (org). *Sob o céu da cultura*. Brasília: Thesaurus; Casa das Musas, 2004, p. 19-24.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução de Adriana Maria Soares da Cunha, Camila Ferrarezi Duque, Jésus Ribeiro Medeiros, Luciana de Mesquita Silva, Milene de Paula Borges, Mônica Beatriz Pedrosa Schittini.

SANTA-CECÍLIA, A. G. La enseñanza del español en el siglo XXI. In: GIOVANNINI, A. et. al. *Profesor en acción: el proceso de aprendizaje*. Vol. 1. Madrid: EDELSA, 1996, p. 5-20.

SANTOS, J.L. *O que é cultura*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SARMENTO, S. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem. ReVEL*. Ano 2, n.2, 2004, p.1-23. Disponível em www.revelhp.cjb.net

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da Conversa: uma breve introdução. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

VILASECA, A. O. *Hacia la competencia intercultural en el aprendizaje de una lengua extranjera: estudio de choque cultural y los malentendidos*. Madrid: Editorial Edinumen, 2000.